Corpos d’água

Quando criança, existia um hábito diário em minha casa que só há pouco eu pude dar devida importância. Todas as manhãs durante a infância, antes do dia começar no mundo, um rito junto a minha mãe me preparava dentro de casa para o que lá fora nos aguardava. O rito matinal consistia nela pentear meus cabelos curtos e negros como se ara a terra preta, enquanto sua voz contava e plantava saberes-sementes sobre minha cabeça, e depois os regava com perfume de alfazema. Eram saberes sobre autoamor, autocuidado, sobre a pressa do mundo e sobre ter paciência; sobre ter alegria em viver, ser grato à beleza do dia, à saúde, à comida, à família, à vida. Denunciava injustiças, maldizendo violências, desigualdades e a fome; anunciava a luta e a postura necessária para lidar com ela, seja com língua, seja com as mãos, sendo com a vida. Falava sobre humildade e malícia; indignação e coragem; sobre a nossa cosmo-visão. Após o plantio me regava com um banho de alfazema sobre a cabeça, pescoço, ombros, costas e peito. Parecia então que tudo aquilo me seguia e cada semente floria a cada dia como o perfume que de mim irradiava. Carrego essas sementes como uma bagagem sobre minhas costas, alçadas em minhas orelhas, como ecos que norteiam de onde eu vim e para onde devo ir, ecos do que sou, ecos de ser-nós.

Com meu queixo em uma de suas mãos e na outra a escova-arado abrindo caminhos em minha moleira, ume de fronte ao outre, sua voz às vezes dura, às vezes doce, guiava meu dia. Às vezes cantarolava as músicas antigas que tocavam no rádio ao fundo, outras contava as histórias que aquela troca íntima a(s)cendia. Muitas delas eram sobre sua mãe, minha vó, vó Maria:
Avó que não conheci e que por isso rondava meu imaginário de forma fantasiosa e onírica. Como um Deus mulher de onde eu vim, que deu vida a quem me deu a vida – minha ancestralidade; ascendência - de quem eu deveria saber, de quem eu deveria lembrar mesmo sem conhecer.

Vó era sempre lembrada por seu silêncio, timidez e brutalidade. Mainha costumava lembrar dela sentada em sua cadeira de balanço na porta de casa, esperando o sol cair depois de um dia longo de afazeres domésticos e maternais, arrodeada de netos, fumando seu cachimbo e cuspindo. Algumes netes sentades entre suas pernas, tendo suas cabeças tateadas na busca de piolhos; outros de pé, às suas costas, repetindo a busca em seu cabelo ou lhe fazendo tranças. Uma corrente de cuidado e carinho assentada na cabeça como era com minha mãe e eu. Cresci buscando ouvir a voz quem nunca conheci, mas que havia sido plantada e regada em minhas lembranças, em meus cabelos, em minha cabeça... vó estava presente intimamente em mim, parte do que sou e do que somos, está em minha espiritualidade.

Maria Josefa da Conceição, uma mulher indígena nascida em Capela/AL, havia sido brutalmente silenciada pelo colonialismo e pela catequização. Seus nomes, como os nomes de tantas outras Marias, Josés, Josefas e Conceições, assim como o nome de seu lugar, como o nome do rio, como diversas outras histórias e memórias desse território, haviam sido roubadas em nome de Deus e do “progresso” colonial. Cruzes lhes foram fincadas nas terras, nas águas, nas línguas, no topo dos montes e nas visões de mundo; assim como brasões de comarcas lhes foram estampados na pele, nos livros e documentos: a ferro e fogo, territórios e subjetividades demarcadas pelas violências da subjugação, da destruição, da escravização, da demonização, do genocídio, do sequestro e do estupro de culturas e corpos. Fronte a perversa história da colonização pude então compreender que o brutal ou tímido silêncio de vó Maria era eco do oco, eco da devastação, era imposição colonial, era calado, silenciado. E quando o que é dito pode ser usado para nos ferir, prender, matar, o silêncio é um modo de sobrevivência, uma possível tática de subsistência. Não era apenas o silêncio de vó Maria, mas sim um silêncio coletivo, secular, histórico, assassino – ainda é e é preciso falar.

O lugar de minha vó, assim como ela, nasceu à beira do rio Parahyba. Vó nasceu em Capela. Lá, nesta beirada do Parahyba, igualmente a minha vó, também já foi chamada Conceição. O território é fruto de um destroncamento no qual a cidade-tronco de onde se ramifica Capela é chamada Atalaia/AL (cidade vizinha, também ribeirinha, porém rio abaixo). Em seu nome - que significa "tocaia", "emboscada" -, Atalaia carrega consigo a história da vil vitória sobre os Quilombos dos Palmares, sendo exatamente porto das tropas coloniais na guerra contra a quilombagem negríndia alagoana.

Palmares foi um território verde, vasto e vivo em meio a mata atlântica do atual estado de Alagoas, onde indígenas africanos em diáspora e originários de Pindorama estabeleceram quilombos em uma territorialidade inscrita nas matas e montes, de lá, travaram a maior resistência contra-colonial que se tem notícias nesse território. Após a queda do estado-nação Palmarino, a Atalaia onde os bandeirantes fincaram tocaia contra os quilombos foi doada ao chefe bandeirante Domingos Jorge Velho. Do leito desse rio, do ventre da terra que viveu essa guerra, afluente dessas águas, após muitos anos, nasce vó Maria. O Parahyba onde se lavou voinha, lavou também muito sangue e pólvora – pólvora dos canhões deles, sangue da nossa gente. Ainda bem que a natureza se renova...

O rio Parahyba do meio (do tupi "*água ruim*" [para navegação]) nutriu as existências e resistências em meio a essa guerra, como entre tantas outras batalhas coloniais: há exemplo da guerra contra os indígenas Kaetés (do tupi "*mata verdadeira*"), originários do litoral alagoano/alagado; do mangue e da mata litorânea que chamamos Atlântica. Foram forçados a subir Parahyba acima para sobreviver à exploração colonial instalada na praia. Posteriormente, este mesmo Parahyba pariu e proveu com trabalho e subsistência minha vó Maria: lavadeira de ganho - como diz mainha - desde a infância ao final da vida. Desde as corredeiras do Parahyba, até desaguar nas espumas do litoral de Massayók, *território aterrado-alagadiço*, viveu lavando o suor das roupas alheias e misturando o seu suor às águas. Em Massayók, foi lavadeira responsável pelas roupas da cúpula do exército, onde mais uma vez a pólvora, o suor e as águas se misturam em nossa história. Das águas, de seu suor e do seu leite gerou 22 filhos. Voinha Conceição era na verdade uma Oxum, o ventre-fonte da vida de nosso quilombo-aldeia-família. Mainha foi sua última cria mulher.

Nadir Bezerra Frazão, conhecida como D. Nadir, mulher indígena de Massayók, foi fruto de uma relação interracial de D. Maria repleta de muitas violências coloniais, patriarcais e machistas, conhecidamente emaranhadas nesses laços de mestiçagem Brasil à dentro. Filha de Yemanjá, nascida entre a lagoa e o mar e com uma força provedora sem igual, é minha mãe como foi e é mãe de muitos outres. Professora por mais de 25 anos em uma escola interna integral para crianças em situação de vulnerabilidade social (muitas dessas crianças com famílias desestruturadas ou sem nenhuma família), Mainha sempre foi mãe-professora de várias crianças e paradoxalmente minha professora-mãe. Do mesmo modo que tantas outras mulheres indígenas e negras deste país, precisou deixar a cria em casa para educar outras crianças, para me garantir alimento, estudo, sustento e um pouco de dignidade. Confesso que levei um tempo até compreender que aquelas outras crianças muito provavelmente precisavam de minha mãe mais que eu, e que ela precisava estar distante de mim para proporcionar o que tive – hoje sou infinitamente grato a tudo o que seu trabalho e esforço puderam me oportunizar.

A distância, a desapropriação e o despertencimento de nosso próprio tempo, lar, lugar, família, passado; esse afastamento do que nos é íntimo, vital, da nossa percepção de coletividade, de (si mesmo enquanto) natureza, é clara herança colonial, ocidental, branca; fruto das lógicas de propriedades, privações, escravidões e hierarquias. Galho da mesma árvore seca do individualismo, do racismo, do capitalismo, do neoliberalismo. Tudo isso que vem invadindo nossa terra-cosmovisão e impregna de guerra, divisão e escravização capitalizada nossos modos de ver, viver, ser, pensar, amar.

Neste território alagado o genocídio pelos exércitos portugueses, a escravização de sobreviventes para o trabalho forçado na exploração de riquezas naturais, e posteriormente, em engenhos de açúcar e pecuária; a proibição dos corpos, dos nomes indígenas e das línguas tupi por parte da Igreja Católica, fizeram com que indígenas de vários territórios inclusive desse território o qual escrevo - Massayók, Alagoas - se afastassem dessa memória e desse pertencimento étnico, distanciando e negando nossa identidade por vergonha, medo ou para sobrevivência. Guerreiros Kaetés, ditos audazes combatentes, um povo aguerrido, foi dito morto na história do caçador. O leão ainda mora dentro de nós e há séculos vive essa guerra em silêncio. Entendendo isso, ouço e sinto os ecos do silêncio de vó Maria.

A colonização regou esse chão de nosso sangue e o etnocídio impede que a gente entenda, que se identifique e que se defenda - mesmo sabendo ser frutos dessa mesma terra, mesmo sabendo ser ramificação dessa mesma história. O sangue suor vigas de madeira telhas de barro campos de cana-de-açúcar e quilombos e feiras mercados praças e na lama no fundo das lagoas e beira-rios e nascentes e catolés, tudo isso são eus, somos nós, roubados, afastados, encimentados, ensimesmados, monoculturados, ocupados demais trabalhando forçosamente na base da pirâmide imperial - a fazenda, o condomínio, o resort, o shopping, o hotel X estrelas - erguidas por nós para eles, à custo de quê? de quens? de quantes? De tantes de nós.

O abismo entre o topo e a base dessa "sociedade" desigual além de nos afastar de direitos ancestrais, basilares, vitais - como a água, o alimento e a moradia - nos afasta de nós mesmos, de nossa terra, memória, cultura, família, história, autonomia, integração com a natureza. Interpelados pela armadilha colonial da busca infinda do consumo, o ensejo é alçar mais um passo, mais um degrau, na corrida para um topo inalcançável, individual, indivisível. O dinheiro vivo tem tido mais valor que a mata viva, que a gente viva, que o bicho vivo.

Atualmente a expulsão colonial se repete nesse território de Massayó quando a Vila de Pescadores do Jaraguá e a comunidade Sururu de Capote são marginalizadas pela higienização social da Prefeitura da cidade e retiradas de seu lugar originário. Quando os bairros do Mutange, Bom Parto, Bebedouro e Pinheiro - o bairro onde nasci e cresci -, estão afundando em escombros por conta da ganância de uma mineradora que nos extorquiu o chão, a terra e o teto; que distanciou famílias, destruiu comunidades e lares, roubou diversos sonhos. Além das disputas territoriais das aldeias indígenas, dos quilombolas, de ribeirinhos, de assentamentos e retomadas por Alagoas. A ganância do homem branco tem matado rios, queimado florestas, destruído comunidades e matado pessoas. Há várias guerras nos atravessando nesse exato momento e minhas armas têm sido a palavra, a escuta, a fotografia, a psicologia e a escrita - escrevivências como essa; ferramentas nessa busca de terra fértil para plantar os saberes-sementes de minha mãe Nadir, de minha vó Maria, de ancestrais que me fazem que sou.

Como as águas do Parahyba desaguando na lagoa Munguaba, ou a lagoa Mundaú desaguando no mar, minhas águas-mães me ensinam a seguir rasgando caminhos adentro do nosso lugar, alimentando a força de minha nascente até o nosso desembocar no mar.

"Não olho a frente para saber onde vou", tenho dito,

"olho para trás pra saber onde devo chegar".